

# II JORNADA DE PSICOLOGIA HOSPITALAR DO CENTRO-OESTE

Vivências multiprofissionais diante da pandemia do COVID-19

29, 30 e 31 de Julho de 2021.

ISBN Nº: 978-65-89908-60-9

## O PROCESSO DO LUTO - OS NOCIVOS EFEITOS DE ORDEM INDIVIDUAL E NA ESFERA COLETIVA DE UM LUTO SILENCIADO.

II JORNADA DE PSICOLOGIA HOSPITALAR DO CENTRO-OESTE: Vivências multiprofissionais diante da pandemia da COVID-19., 0ª edição, de 29/07/2021 a 31/07/2021

ISBN dos Anais: 978-65-89908-60-9

**EBERT.;** Keli Virginia <sup>1</sup>

### RESUMO

**RESUMO** O presente trabalho, visa uma reflexão acerca do luto no atual contexto pandêmico da COVID-19. A crise sanitária instalada diante o novo Coronavírus, trouxe transformações diversas à ordem humana. As perdas sofridas diante um contexto devastador, que não permite tempo para despedidas, não é sem consequências para as questões de ordem subjetiva do sujeito como também para as questões de âmbito coletivo. Esse trabalho visa assim, dialogar sobre os fenômenos observados durante esse período de pandemia em seu entrelaçamento com a teoria psicanalítica naquilo que é nomeado como trabalho do luto, onde a teoria evidencia a importância do tempo, do reconhecimento e do acolhimento diante a cada perda sofrida, para assim, possibilitar a elaboração do processo de luto tanto no que se refere a ordem individual, como também no que se refere a lógica coletiva, que demanda a sustentação do laço social como condição *sine qua non* para podermos seguir vivendo enquanto uma civilização. Sendo assim, muito nos interessa pensar nos efeitos nefastos de um luto, que tenta ser silenciando nas tentativas de camuflar a dor do momento que é atravessada por uma pandemia que reclama pelo despertar da consciência coletiva de cada sujeito.

**INTRODUÇÃO** Inicio esse trabalho com uma questão que tem produzido debates em diversos campos de saber, como a antropologia, a psicanálise, a sociologia e demais disciplinas. *Quais seriam os efeitos de caminhar cara a cara à morte por um período tão extenso como esses 16 meses de pandemia instalada no mundo?* Lacan (1955), ao falar da condução do tratamento aos analistas pela via do significante, os convida a meditar sobre as questões cruciais referentes a vida, dizendo: “ (...) para serem psicanalistas, conviria no entanto que vocês meditassem de vez em quando num tema como este, se bem que nem o sol, nem a morte, possam ser olhados de frente”. (Lacan, 1955-56, p. 361). O ponto é que a morte tomou uma proporção outra nesses últimos meses, e, até aqueles que diziam ter uma boa relação para com ela, vêm retificando essa fala nos consultórios dizendo que ela tem tomado muito espaço e isso não é sem causar medo. É importante situar que o medo é algo natural nesses momentos, talvez problema maior a gente teria se não reagíssemos com medo diante a atual situação, agora é claro que as incertezas do momento que vivemos, ainda que produzam medo diante aquilo que está por vir, não devem se converter em ansiedade, em desespero ou pânico, pois se isso acontecer, já estaríamos falando de algo que precisa de tratamento adequado. O medo nesse contexto que aqui o trabalho cita,

<sup>1</sup> Psicóloga Clínica, Psicanalista, Psico-oncologista. Mestranda em Psicologia UFMT. Membro da Subcomissão de Psicologia Hospitalar CRP-MT. Fundadora e Coordenadora do Projeto Social: Escuta por Keli Ebert. [keliEBERT@hotmail.com](mailto:keliEBERT@hotmail.com)

tem a ver com condições subjetivas, onde cada um responderá de forma particular; alguns podendo enfrentar no sentido de buscar recursos que vise a sua proteção e dos demais e junto a isso buscar formas de lidar com o imponderável, com aquilo que não depende só das nossas escolhas, que está fora do nosso controle, e, de um outro lado, se assim podemos dizer, há aqueles que buscam fugir da realidade adotando uma postura de desprezo, uma negação para com as dificuldades que enfrentamos. Claro que essa postura de negar não é sem consequência tanto para quem se serve dela, quanto para o coletivo onde por vezes a negação do outro acaba por respingar e causar prejuízos também. Fora o fato de que a negação falha, então em algum momento a pessoa terá que enfrentar a realidade que está posta para todos. A nossa melhor ferramenta é o enfrentamento da realidade que vivemos, mas não qualquer enfrentamento e sim um enfrentamento responsável, onde possamos estar atentos aos nossos medos, as nossas possibilidades e compreender que estamos lidando, sempre lidamos na verdade, mas hoje *mais, ainda*, com as impossibilidades. Nem tudo nos é possível, mas de alguma forma, mesmo que algo não esteja em nosso controle, nós temos como pensar nas ferramentas disponíveis para encararmos essa situação.

**DESENVOLVIMENTO** Tendo essa breve introdução, que já de entrada nos propõe uma questão a ser refletida, junto à ela trago um outro ponto referente ao luto, um ponto de extrema relevância que temos enfrentado durante a pandemia e do qual pretendo discorrer nas linhas deste texto, na tentativa de analisar os efeitos, tanto de ordem individual como de esfera coletiva, referente ao silenciamento do luto diante o atual contexto pandêmico, para a partir disso, pensarmos no trabalho que cabe a nós propor e fazer enquanto profissionais ocupados e interessados na saúde mental, diante a uma crise sanitária que impõe tantas perdas como a que vivemos. Trago assim a questão que se refere a algumas cenas e falas que tenho observado no decorrer dos últimos meses. Muitos enlutados têm se mostrado constrangidos em dar voz a sua dor do luto. Em algumas ocasiões me deparei com falas do tipo; “- *Peço desculpas ao grupo, mas gostaria de compartilhar a minha dor pela perda de fulano(...)*” Algumas pessoas desse grupo específico ao qual aqui faço referência, já haviam manifestado o “cansaço” de ouvir tanto “barulho” causado pelas pessoas que falavam sobre o aumento de mortes por Covid-19. Trago essa citação, porém ela não se refere a um caso isolado, sabemos que a negação do que vivemos tem sido de um contágio tão elevado quanto é o próprio vírus Covid -19. O mundo contemporâneo possui a habilidade de reduzir todo e qualquer efeito que se contrapõe a lógica de estar bem, de produzir constantemente e de se adaptar com bravura as agruras da vida. Isso pode ser verificado diante as extensas propostas de autoajuda e outras práticas do resolve aqui e agora. Diante essa aceleração contemporânea, como fica quando estamos diante a morte de pessoas queridas, que possui um tempo para sua elaboração, um tempo que não é curto, que é individual e sem receitas para reprodução em atacado. A morte e tudo o que se refere a ela já possui um tabu em nossa sociedade ocidental, mas parece que ganhou um peso a mais nos últimos meses com a pandemia do novo Coronavírus. Passamos a ver de modo mais evidente a agitada intolerância diante a manifestações públicas de pesar, e isso tem contribuído de maneira significativa para aquilo que chamamos de patologias do luto. Quando silenciemos um enlutado, essa perda sofrida se torna clandestina, dando margens a consequências nefastas tanto do nível individual como da esfera coletiva. Isso nos convida a seguirmos refletindo sobre o empobrecimento dos vínculos afetivos e a falta de acolhimento em um nível social daqueles que sofrem seu luto.

Essa situação pode estar nos revelando uma imprudência desrespeitosa de alguns que se sobrepõe ao que é da ordem coletiva. Onde ficam os valores de uma civilização que se nega a dar voz a dor do luto? Quando se perde alguém amado, o modo de mantermos quem se foi presente é a lembrança que é reproduzida pela fala e ação daqueles que ficam e rememoram o ente querido. Nesse sentido, em psicanálise apostamos em uma eternidade do outro, pois há traços do outro se mantêm presente junto àqueles que o amavam, seja através de atos ou palavras. Isso tem sido silenciado e temos diante disso que pensar nos diversos danos desse silenciamento. Silenciar o luto de alguém revela nossa falta de acolhimento a dor do outro, e nos empobrece enquanto humanidade. Que nenhum enlutado seja silenciado pela mediocridade individual que visa ocultar a dor da perda. Trago aqui um recorte do historiador Philippe Ariès (2003), onde em sua obra clássica da História da Morte no Ocidente, trago esse recorte no intuito de refletirmos acerca do contexto pandêmico que nos exigindo uma transformação no modo de ver e compreender muitas coisas, parece que o que fez foi produzir ainda mais afastamento de grande parte da população. Com isso, vemos a precariedade daqueles que ousam tentar silenciar o luto, mais, ainda. Assim temos de um lado o morto que foi silenciado ao não apresentar mais sinais vitais, e do outro lado temos quem, podendo sofrer a opressão social, “decide” por também silenciar sua dor. Philippe Ariès, nos contempla com os principais estágios no decorrer da história acerca da morte no ocidente, mostrando as diversas atitudes adotadas pela sociedade. Interessa aqui neste trabalho, pensar naquilo que ele nomeia como *A Morte Interdita* – último estágio da morte em Ariès, que, segundo autor, datam dos séculos XIX e XX, onde a sociedade passa a se afastar do tema da morte com o desenvolvimento socioeconômico emergindo a atitude do silenciamento diante a morte. Nessa obra clássica acerca da discussão sobre as mudanças sofridas nas representações sobre a morte, até chegar diante a condição em que ela passa a ser tratada por uma base de pensamento racional, vemos circunscrito o período em que a morte e tudo que se refere a ela se torna um tabu, surge a intolerância diante as manifestações públicas de pesar e isso contribui para o surgimento daquilo que hoje é chamado de patologias do luto. No passado, Ariès nos mostra que o luto era mais uma experiência social e não individual. No final do século XVIII a partir dos valores burgueses, o luto se restringe aos mais próximos e não mais a comunidade. Inicia um processo em que o luto é intimista, o que favoreceu a proliferação de ideias que caracterizavam o luto como um problema íntimo, restrito ao enlutado e o seu objeto perdido. Junto a esse declínio de devoção pública dos mortos, a devoção aos mortos passa a ser cultivada em domínio privado, pelas lembranças em casa. Destaco o elemento de que no passado, em decorrência dos rituais coletivos, o sofrimento encontrava consolo ou contorno devido a presença da comunidade que se aproximava buscando auxiliar o enlutado nesse processo. Junto a esse aspecto de um luto pessoal e íntimo, surgem também as dificuldades das pessoas próximas ao enlutado de prestarem assistência, há um embaraço em não saber o que dizer, em como e quando se aproximar do enlutado. Talvez isso sinalize um empobrecimento das narrativas que nos sirvam a prestar auxílio e acolhimento de modo singular, levando em consideração a subjetividade. Nisso os enlutados se encontram silenciosos e silenciados. O pranto diante a perda sofrida se torna clandestina, só podendo ser sentida de modo escondido. Essa interdição de sofrer a dor da morte de ente querido retém o enlutado em um drama que é solitário. Freud (1985), em Luto e Melancolia, nomeou como doloroso o afeto por excelência do luto,

comparando a dor da perda de um ente amado a mais extrema dor física. Há uma pressão contínua de intenso investimento concentrado no objeto que sente falta, por isso nada além daquilo que se liga a memória do morto produz interesse ao enlutado. O trabalho de desinvestir a libido ligada ao objeto perdido é lento e gradativo. Nesse processo faz parte evocar as lembranças para o seu desligamento. Em Lacan (1960), o luto possui um trabalho de desligamento simbólico-imaginário. Para que isso se dê, se faz necessário um giro por todo conjunto de significantes e uma desmontagem dos processos identificatórios junto ao morto, desvencilhando o objeto *a* das coordenadas imaginárias (narcísicas) e simbólicas. Vemos que o luto enquanto trabalho, como é tratado pela psicanálise, se refere a inscrição subjetiva de uma perda significativa, pois a morte física de alguém não basta para que essa questão se dissolva. Dito de outro modo, o *acontecimento* da perda não equivale a *elaboração* imediata dessa perda sofrida. E aqui sugiro o trabalho da psicanalista Maria Livia Tourinho Moretto (2019), onde ela diferencia acontecimento de experiência. Trago essa referência de Moretto, na tentativa de demarcar a importância de diferenciar essas situações, ainda que aqui eu proponha o termo *elaboração* em lugar da *experiência*, essa alteração feita não altera o conceito dado por Moretto, pois o acontecimento de uma perda sofrida não equivale a uma elaboração dessa perda. Assim, demarcar essa diferença, nos possibilita não cairmos no destrutivo equívoco de igualar esses processos que não coincidem. Miriam Ximenes Pinho (2020), faz o uso do termo *globalização de modos de sofrer e tratar*, nessa proposta de Ximenes, podemos pensar que, se por um lado a sociedade se tornou incomplacente com as expressões persistentes do enlutado, por outro lado passou a catalogar como patológico toda ação contrária aquilo que na atualidade se considera bem-estar. Vivemos uma globalização selvagem, como nomeia Pinho, onde se exclui aquele que não produz e não consome. Sendo assim, pensar no enlutado em um contexto neoliberal, é pensar na lógica de que é preciso se recompor de modo eficaz e o mais breve possível para assim retornar a produzir e consumir. Todos devemos ser produtivos e consumidores, clama o sistema capitalista, caso não se responda a esse imperativo social você será excluído. Muito teóricos tem buscado estudar as consequências de uma falta de constância nas relações do mundo contemporâneo, somos coordenados por algo que Bauman (1925), nomeou de *liquidez dos laços*. Os desenlaces no campo amoroso, familiar e no trabalho não atravessando a prova do tempo. Debora Moraes (2019), traz uma discussão acerca dessa “fluidez” contemporânea, que suplantou a solidez dos laços, onde em sua tese investiga a relação das pessoas com o trabalho e verifica que o trabalhador que se mantém em uma instituição por muito tempo não é mais visto com bons olhos, pois o tempo de curto prazo na era da instantaneidade, que impõe uma renovação constante as pessoas, não permite a construção de uma história coerente para a carreira profissional. Aqui surge a pressa como modo de regulação temporal dos recém-formados que “*não devem mais ficar por mais de cinco anos*” em uma mesma empresa. Nessa lógica de renovação constante para o mercado de trabalho e de exigência de flexibilidade se isso não impossibilita, ao menos dificulta em grande escala, a condição de se manter uma lealdade com o próprio passado e com a própria história de vida. Não se constrói relações duradouras, o que direciona e impulsiona o sujeito da modernidade a ter o seu primeiro milhão em um curto espaço de tempo. Moraes, também nos lembra que vivemos uma era onde o próprio trabalhador deve construir a si mesmo continuamente, onde as revistas de grande circulação comercial, cursos de “*supere a si*

*mesmo*”, livros de autoajuda, gurus de carreira e tantos outros, enlaçados por essa ideia pessoa-emprego, corroboram com esse discurso e desenlaçam as possibilidades de vínculos afetivos. Nesse contexto Debora Moraes em sua tese parte das seguintes perguntas: Estamos diante de novas modalidades narrativas ou diante de uma miséria simbólica? Colette Soler (2018), dirá que os dois significantes-mestres da atualidade são a solidão e a precariedade dos laços. O triunfo do individualismo cínico, o declínio dos valores universais e a fragilidade dos apegos. Isso se denuncia nas narrativas frequentes do ter que viver bem sem precisar de ninguém, ser autossuficiente, criando margem a uma geração de desencantamento, desconfiança numa busca ilusória de evitação das decepções, afinal, quem não cria laços afetivos, não corre o risco de se decepcionar. Como bem dizia Colin Murray Parkes (1998), “A dor do luto é tanto parte da vida quanto a alegria de viver; é, talvez, o preço que pagamos pelo amor, o preço do compromisso”. Nesse esforço contínuo, que visa afastar as frustrações e possíveis dificuldades, se vive artificialmente embalados por uma promessa de suposta segurança e controle. Podemos fazer ainda uma ponte para chegarmos até Foucault (1978), em sua ideia do biopoder, para acrescentar a essa discussão como essa proposta de Foucault circula sobre nós. Através da proposta nomeada de Biopoder, Foucault busca denunciar a política de controle do estado sobre a regulação dos corpos em nome da saúde e bem-estar da população. Essa discussão segue sendo necessária, pois estamos imersos nela até mesmo quando diante ao processo do luto, vemos determinadas normativas que visam regular o processo do enlutado. Os avanços científicos são também conduzidos pelas oportunidades comerciais, a produção de medicamentos para tratar múltiplos diagnósticos psiquiátricos. O próprio DSM passa a ser questionado quando se descobre o conflito de interesses entre a APA e indústrias farmacêuticas, onde 70% dos membros responsáveis pela revisão do manual declararam relações diretas com as indústrias farmacêuticas. A experiência do luto não foi poupada: o DSM-5 inclui o luto como transtorno de humor caso o enlutado se mantenha sem melhoras significativas por mais de duas semanas. Isso tudo nos serve de alerta para os cuidados para não escorregarmos nessa lógica selvagem que normatiza a vida e o luto. O Luto na Psicanálise é um processo que diz respeito a um trabalho de se despedir, de poder estranhar a ausência de quem não mais está presente fisicamente e, aos poucos, aceitar como um fato dado, irreversível. **CONCLUSÃO** Freud irá trabalhar em luto e melancolia (1915), o luto não enquanto uma patologia, mas como um processo psíquico necessário que tem um início e um desenlace. Quando este processo se interrompe, quando não é propriamente iniciado, ou quando em seu interior o *Eu* se identifica com o objeto perdido, temos os casos de patologia do luto nos quais podemos incluir a melancolia e certos tipos de depressão. A questão é que diante a tantos modos de fazer e patologias, o enlutado se mantém silencioso e silenciado, enquanto é falado por outros saberes que detém a “verdade” sobre a sua condição. Trago para nossa reflexão, antes de dar por fim esse trabalho, um pequeno recorte do livro O mito individual do neurótico, onde Lacan dirá: “Quando um homem esquece que é portador da fala, ele já não fala. É efetivamente o que acontece: a maioria das pessoas não fala, elas repetem, não é exatamente a mesma coisa. Quando o homem já não fala, ele é falado” (Lacan, 1954, p. 61). Nossa maior dificuldade no mundo contemporâneo está em encontrar pessoas disponíveis a escutar. Amordaçado ou não reconhecido, o luto tende a recair em manifestações patológicas. Os imperativos contemporâneos: Ocupe-se! Procure um especialista! Chore! A fila anda! Padronizam e inibem as expressões do

enlutado, impedindo-o de construir sobre a sua perda. **BIBLIOGRAFIA**  
ARIÈS, P. A história da morte no Ocidente. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.  
BAUMAN, Z. Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.  
FOUCAULT, M. O nascimento da biopolítica: curso dado no College de France (1978-1979). Tradução E. Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.  
FREUD, S (1917 [1915]). Luto e Melancolia. Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996. \_\_\_\_\_ (1914). Sobre o Narcisismo: uma introdução. Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996. \_\_\_\_\_ (1930 [1929]). O Mal-estar na Civilização. Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. \_\_\_\_\_ (1921). Psicologia de Grupo e a Análise do Ego. Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.  
LACAN, J (1901 [1981]). O mito individual do neurótico. Trad.: Cláudia Berliner. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. \_\_\_\_\_ (1955-1956). O seminário, livro 3: As psicoses. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.  
MORAES, D. O sujeito à deriva: temporalidades, narrativas e subjetivação na contemporaneidade. São Paulo: Zagodoni, 2019.  
MORETTO, M. L. T. (2019). Abordagem psicanalítica do sofrimento nas instituições de saúde. São Paulo: Zagodoni.  
PARKES, C. M. Luto: estudos sobre a perda na vida adulta. Trad.: Maria Helena Franco B. São Paulo: Summus, 1998.  
PINHO, M. X. A experiência do luto: entre a Privatização do Pesar e a Globalização dos Modos de Sofrer. In: Estevão, I. Prudente, S. (org.). contribuições psicanalíticas a uma política dos afetos. São Paulo: LavraPalavra Editorial, 2020.  
SOLLER, C. O que faz laço? São Paulo: Escuta, 2016.

**PALAVRAS-CHAVE:** luto, psicanálise, pandemia, luto silenciado